

trabalho *necessário*

issn: 1808 - 799X

ano 9 – edição especial, número 13 – 2011

**NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO
MUNDO DO TRABALHO- TMT (PPGSP e PPGE UFSC)**

A EXPERIÊNCIA COLETIVA DO NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO - TMT¹

Bernardete Wrublevski Aued²
Célia Regina Vendramini³
Ricardo Gaspar Müller⁴

Resumo

O Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho – TMT – criado em 1996 e vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Sociologia Política e em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, vem dedicando-se à pesquisa e à extensão, orientado, especialmente, pelo materialismo histórico-dialético. O Núcleo tem como base: a interdisciplinaridade, ao agregar pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como sociologia, educação, psicologia, economia, entre outras; o trabalho conjunto de professores, doutorandos, mestrandos e estudantes de graduação; a articulação entre o estudo teórico e ações de formação junto a organizações, sindicatos, cooperativas e movimentos sociais; o trabalho coletivo como base de todas as suas ações, visando a construção do conhecimento de forma compartilhada, elaborando referenciais teóricos comuns nas pesquisas, debatendo os projetos e

¹ Uma versão deste texto foi apresentada no V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2011.

² Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professora aposentada da UFSC.

³ Doutora em Educação pela UFSCar. Professora da UFSC.

⁴ Doutor em História Social pela USP. Professor da UFSC.

os trabalhos produzidos por cada membro do grupo. O principal elemento de agregação ao Núcleo é a base marxista como referência dos estudos e práticas, o engajamento político dos pesquisadores e o desafio de pensar a superação/transição, buscando estudar e contribuir com as experiências políticas e educativas que perseguem a emancipação. As oficinas de estudo são um dos espaços privilegiados para o estudo e o debate, com base em textos clássicos de tradição marxista e contemporâneos, com o objetivo de pensar e se posicionar acerca das grandes questões, problemas e polêmicas de nosso tempo. Conforme Mézáros, um tempo histórico que se constitui ao mesmo tempo num fardo e num desafio. Os projetos de pesquisa e as oficinas de estudos no momento se voltam para as seguintes temáticas: educação e socialismo; educação, cooperativas e movimentos sociais organizados; campo e cidade; trajetórias profissionais; histórias de vida de lideranças comunistas de Santa Catarina; relações entre cidadania, violência e conflito social.

Palavras-chave: Núcleo TMT; trabalho e educação; universidade.

Introdução

Nosso estudo sobre a trajetória e a experiência do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho - TMT pode ser relacionado com as pesquisas sobre o ensino superior. As controvérsias sobre as exigências acadêmicas, os objetivos do próprio ensino superior, a pesquisa na academia e a transformação do papel dos Grupos, Núcleos e Laboratórios nas universidades tendem a ser temas cada vez mais constantes em debates.

Nossa reflexão se propõe a aproximar questões teóricas e políticas, sem dissociar premissas teóricas e objetivos políticos. Acreditamos que, nesse contexto, a análise da trajetória do TMT nos permita questionar os conteúdos universitários hegemônicos no país e as práticas de pesquisa marcadas cada vez mais pela fragmentação, pela dissociação entre pensamento e ação, pela pseudo neutralidade e pelo "espírito" produtivista.

A tradição intelectual e pedagógica hegemônica, especialmente nas universidades que se dedicam à pesquisa, está baseada na chamada "metafísica ocidental". O modelo ideal acadêmico dessa tradição é o do investigador *imparcial*, entregue à indagação do conhecimento *objetivo* com validade

*universalis*⁵. E é precisamente este ideal que tem sido questionado, de modo mais sistemático, durante esse período de funcionamento do TMT.

Deste ponto de vista, um dos propósitos do ensino já não seria, como antes se pensava, permitir que os estudantes se realizem e se tornem membros de uma cultura humana, intelectual e universal mais ampla. Ao contrário, o novo objetivo tende a reforçar sua identidade, seu “orgulho” como membro de um subgrupo particular e sua auto-identificação com esse grupo (como gênero, etnia, opção sexual), com a conseqüente perda de uma identidade e de um sentido coletivos (como classe).

Retomamos algumas idéias de E. P. Thompson e oferecemos sua categoria de experiência, como um eixo possível de análise da trajetória do TMT – sobretudo, na perspectiva crítica de sua relação com a educação. Thompson sustenta que há uma relação dialética entre educação e experiência e que ela deve ser considerada em sua totalidade, ou seja, em suas tensões, contradições e possibilidades⁶. Distante das proposições de John Dewey sobre o tema, Thompson coloca que essa dialética não se reduz a algumas observações sobre a oposição entre educação recebida e experiência vivida e/ou capacidade, ou habilidade intelectual (inclusive mecânica ou manual) e sentimentos (ou *estruturas de sentimento*, como propõe o conceito de Raymond Williams). Para Thompson essas separações, ou divisões, seriam falsas ou artificiais. Além disso, Thompson insiste na importância de outras relações presentes no conjunto da dialética educação/experiência, e de que se esteja atento para identificá-las e apreendê-las. Entre essas, as diferentes experiências, e expectativas, entre classes sociais e educadores e estudantes, e suas conseqüências para currículos, planos de estudo, projetos, configurações institucionais etc. Thompson também discute de que modo as relações compreendidas nessa dialética (educação/experiência) se articulam a valores e noções de cultura, e suas representações na sociedade, pois essas relações colocam problemas, perguntas para a própria sociedade e para decisões de Estado, políticas públicas e procedimentos necessários.

⁵ Para desenvolver esse raciocínio recorreremos às idéias de John R. Searle em “Rationality and Realism, What is at Stake?”, in *Dædalus* (Journal of the American Academy of Arts and Sciences), vol. 122, n. 4, Fall 1993.

⁶ Thompson, E. P. “Education and Experience”, in *The Romantics: England in a Revolutionary Age*, New York: New Press, 1997.

Dessa forma, Thompson conduz seu raciocínio para dois aspectos fundamentais: um de que, a seu ver, não há correlação automática entre “sentimento real” [*real feeling*] e “sentido justo” [*just sense*] e resultados, ou conquistas educacionais. Ele reconhece que, em conseqüência, as pressões a que somos submetidos nos levam a confundir essas relações e que, por isso, estaríamos distantes do equilíbrio adequado entre rigor intelectual e respeito pela experiência.

A experiência do TMT

O Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho, criado em 1996, vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Sociologia Política e em Educação, tem por objetivos ampliar a reflexão sobre o mundo do trabalho, as suas metamorfoses, processos de gestão e de autogestão, rearranjos tecnológicos, formação de trabalhadores, movimentos sociais e coletivos.

A proposição geral que tem unido professores e acadêmicos no TMT gira, teoricamente, em torno da questão do trabalho e dos trabalhadores sob o enfoque de autores como Karl Marx e seus seguidores. Além disso, problematiza a relação entre o trabalho e a educação; as formas históricas e atuais de produção da vida; a educação e a escola; a classe trabalhadora e os movimentos sociais organizados; a educação do campo e as lutas dos trabalhadores.

Os membros do TMT gravitam também no sentido de criar algumas condições para desenvolver pesquisa coletivamente, o que, no cotidiano da Universidade, nem sempre é muito fácil. Aulas, orientações, reuniões burocráticas, tudo parece roubar o tempo de pesquisa, quando deveria ser o contrário, fazê-la fluir.

Dentro deste “espírito” mais de uma centena de alunos de diferentes cursos de graduação e de pós-graduação tem procurado o laboratório e, por conseguinte, eles tiveram a sua formação acadêmica ampliada, sobretudo apreendendo o que está posto, historicamente, desde a destruição da manufatura: o trabalho social.

Em todos os trabalhos produzidos, existe um fio de ouro que “costura” algumas questões trazidas da atualidade contemporânea, quais sejam: o que é o trabalho e quem são os trabalhadores. Complexas e polêmicas questões, a forma

encontrada para ampliar o conhecimento a respeito delas tem sido discuti-las tendo por base a leitura de clássicos como Karl Marx, Friedrich Engels, Alexis de Tocqueville, Balzac, Jorge Luis Borges, István Mészáros, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Francisco de Oliveira, David Harvey, E. P. Thompson, Moishe Postone, entre outros. Tal como o faz um violinista que lê e relê, muitas vezes, a mesma partitura musical, repete cem vezes a mesma música até aguçar o seu ouvido para dominar a composição e perceber nuances que diferenciam interpretações, dessa feita lemos e relemos, muitas vezes, a *Carta a Anenkov* (Marx, 1963). Com este exercício problematizamos a pergunta, “você trabalha?” e assim transcendemos a aparência imediata das respostas que associam trabalho a local. Com Marx aprendemos que não trabalhamos somente na empresa, na prefeitura, na escola, no supermercado ou no escritório. Trabalhamos, também, ao preparar o café da manhã, lavar a roupa, preparar o alimento, limpar a casa ou plantar. Aparentemente trabalhamos para assegurar a nossa subsistência enquanto pessoa e família. No entanto, sob relações capitalistas, os trabalhadores o fazem para outrem, não importa quem seja. Sob relações capitalistas o comprador explora a força de trabalho. Essa síntese revela elementos gerais do trabalho submetido às relações capitalistas. Produzimos as condições de nossa existência, mas não o fazemos de acordo com nossos desejos e intenções. O trabalho com estas roupagens é uma categoria histórica e, portanto, transitória. Aprofundamos estas reflexões com um mergulho, ainda maior, na leitura dos clássicos.

Além da *Carta a Anenkov*, procuramos compreender o trabalho à luz de, pelo menos, alguns capítulos do livro “O capital”, lendo os capítulos IX ao XII, depois os capítulos V e XXIV (MARX, 1968a). O trabalho vai sendo desvelado em seus múltiplos e complexos determinantes. É simultaneamente local e global, singular e universal, concreto e abstrato o que, em termos metodológicos, resulta em inúmeras dificuldades de apreensão. Estas considerações teóricas contrariam a percepção de ver o mundo que nos cerca como natural, de pensar que estradas asfaltadas, automóveis, energia elétrica, do jeito como os conhecemos, são formas naturais de ser estrada asfaltada, automóvel ou energia elétrica. Mesmo com relação às pessoas, imaginamos que do jeito como nós existimos essa é a forma natural de existir da humanidade. A descoberta que as coisas e as relações

não existiram sempre e que, possivelmente, outrora já foram muito diferentes, tem incitado os pesquisadores do TMT à busca de maior aprofundamento.

O mundo nem sempre teve estradas, automóveis ou ônibus. O mundo que nos cerca nem sempre teve energia elétrica e, por decorrência, os produtos elétricos que parecem facilitar tanto a nossa vida (que o digam os florianopolitanos ilhéus que viveram mais de 50 horas de apagão de energia elétrica em outubro de 2003). E dessa forma ampliamos a reflexão acerca do trabalho e das coisas, produto humano do trabalho.

Metodologicamente, portanto, o trabalho, independente da forma que assume na atualidade vai sendo delimitado por concepções e categorias não apologéticas. Mãos e mentes desocupadas não são oficinas do diabo. Tampouco, o trabalho a tudo cura, inclusive os males do coração.

Considerando os limites deste texto passemos aos trabalhadores, uma vez que um número expressivo de pesquisas foram realizadas sob o foco trabalhadores na cidade ou no campo. Partimos do pressuposto de que campo e cidade constituem uma totalidade. Há muito não se vêem fronteiras entre eles. O antagonismo entre campo e cidade é uma invenção capitalista que tudo antagoniza e opõe. Na realidade, são duas faces de uma mesma realidade, com diferenças mas não oposição. Nesse debate, lançamos mão de uma categoria explicativa que permeia a contemporaneidade, o território, compreendendo-o como o espaço apropriado pelos homens, uma categoria social que espelha forças em luta e, por conseguinte, contempla os sujeitos do embate histórico.

David Harvey (2004) se refere a territórios ou espaços de esperança. No Brasil, de várias formas, homens e mulheres têm enfrentado a questão da sustentabilidade ambiental com a constituição de territórios que vêm se tornando importantes laboratórios sociais em busca de alternativas.

Como exemplo, indagamos sobre as formas de produção da existência das pessoas que se aglutinam sob a forma de Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e situamos o MST como movimento, isto é, algo que não tem forma própria, mas empresta formas historicamente constituídas. A sua análise tem como ponto de partida os pressupostos fundamentados em Marx (1963, 1968, 1968a); Hobsbawm (1981 e1995) e Mészáros (2002):

1. A constituição do MST no Sul do Brasil entrelaça-se com o destino de muitos imigrantes oriundos do processo de emprego e desemprego europeu. Com a mudança de milhões de pessoas desloca-se o eixo de uma grande crise que atravessava países europeus no século XIX. Como resultado do deslocamento populacional, cria-se uma poderosa sobrevivência à acumulação capitalista.
2. Apesar de sua especificidade, o MST não deixa de refletir a generalidade dos confrontos históricos e os problemas que desafiam a criatividade dos trabalhadores em geral, há pelo menos dois séculos.
3. O MST representa a luta entre o velho e o novo, entre uma sociedade que “verte água”, e outra que pode ser vislumbrada nas franjas dessas relações sociais. Enquanto o velho se revela na forma de nômades que vagueiam pelo mundo em busca de trabalho, o novo se mostra na ampliação dos espaços de esperança, como sugere Harvey (2004).
4. O MST combina o emprego de táticas de por “comida na mesa” com construção socialista, evidenciando que o local é global. Distintamente do passado, quando era possível apreender o campo separadamente da cidade, o campo adentra a cidade e vice-versa. Ou seja, as coisas do campo são tão imprescindíveis para a satisfação de necessidades de pessoas que habitam o que hoje ainda denominamos de cidade e o mesmo se pode dizer das coisas da cidade.

Além da reflexão teórica, os coordenadores do TMT têm perseguido a meta de fazer a pesquisa fluir por meio de ato coletivo, ao reunir, por sub-grupos temáticos futuros pesquisadores em nível de graduação (na sua maioria bolsistas de Iniciação Científica) e de pós-graduação (mestrado e doutorado) e professores, que passam a desenvolver pesquisa por meio dos espaços coletivos. Socializar pesquisas em desenvolvimento, discuti-las com o grupo, estudar, compreender e exercitar o método que as orienta, estudar as bases teóricas comuns que fundamentam as pesquisas, eis alguns dos procedimentos que nos unem e, ao mesmo tempo, potencializam o ato de pesquisar. Estes espaços são denominados de “oficinas de estudo” com encontros periódicos (semanais ou quinzenais). Em cada início de semestre é elaborada a programação que combina

leituras teóricas (de autores clássicos e contemporâneos) com apresentação e debate de pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo (projetos, capítulos da dissertação ou tese, relatórios de pesquisa). O trabalho coletivo ocorre no trabalho de campo, na leitura dos textos selecionados, no levantamento de questões, na participação ativa nas reuniões e no exercício da crítica ao trabalho dos colegas. Esta prática gera um grande aprendizado para todos e cria um compromisso mútuo, fortalecendo o coletivo e valorizando a pesquisa de cada um.

As linhas de pesquisa em vigor atualmente são mundo do trabalho, trajetórias de vida e trabalho, trabalho e educação, campo e cidade, educação socialista, desenvolvidas em oficinas de estudo.

Muitas publicações resultaram das pesquisas desenvolvidas pela equipe do TMT. Optamos por comentar apenas as que foram fruto de pesquisa e produção coletiva.

O livro "*A persistência do trabalho infantil na indústria e na agricultura (Santa Catarina no contexto brasileiro)*" (2009) visa explicar a persistência do trabalho infantil no campo e na cidade na atualidade, onde 4,8 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos estão trabalhando no Brasil (PNAD/IBGE, 2008). As questões que nortearam os autores foram: não é curiosa a existência de um ordenamento legal que proíbe o trabalho infantil em uma sociedade que tolera o referido trabalho e, muitas vezes, o incentiva? Por que a sociedade consente em utilizar a força de trabalho prematuramente a ponto de destruir seu potencial desenvolvimento? O livro combina fotografias de crianças trabalhando no contexto brasileiro e catarinense com análises fundadas em pesquisa sobre o trabalho infantil em municípios catarinenses desenvolvidas por graduandos, especialistas, mestrandos, doutorandos e professores dos cursos de Pedagogia, Ciências Sociais e História da UFSC.

A obra "*Educação do campo: desafios teóricos e práticos*" (2009) resultou das monografias desenvolvidas pelos educandos e das pesquisas dos professores do curso de especialização "Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial". O livro revela as contradições que existem no meio rural brasileiro com suas intensas transformações e a história das lutas e da organização coletiva dos

sujeitos do campo em busca do acesso ao conhecimento e à escolarização, como parte da estratégia de resistência à exploração do capital.

O livro *“Nossas Histórias”* (2007) revela o que dizem os protagonistas de movimentos sociais como o Movimento dos Sem Terra, das Mulheres Camponesas, dos Atingidos por Barragens, o que fazem, como se constituem enquanto sujeitos de um processo e quais as suas expectativas. A obra *“Traços do Trabalho Coletivo”* (2005) contribui com a reflexão sobre o trabalho na atualidade, questão que tem sido fonte de grande apreensão. O livro *“Retratos do MST: Ligas Camponesas e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”* (2005) contribui para a preservação da memória sobre os confrontos no campo e amplia o debate sobre o caráter das lutas sociais na atualidade. Assim, subsidia metodologicamente os trabalhos que vêm privilegiando a relação da fotografia com os movimentos sociais organizados, e evidencia um sentido de análise do real com fotografias, à luz das irmãs siamesas História e Sociologia. As fotos são pontos de ligação entre o passado que se conserva, o presente e o futuro que se prepara.

O livro *“Agricultura familiar”* (2004) é resultado da reflexão de pesquisadores interdisciplinares e interinstitucionais em diversas regiões do país, questionando o modelo de desenvolvimento urbano-industrial implementado no Brasil, que gerou a exclusão social e problemas ambientais. São enfoques alternativos para o meio rural. A série Pesquisas do Núcleo de Publicações do CED, na obra *“Educação em movimento na luta pela terra”* (2002) socializa um conjunto de estudos sobre as ações educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. As reflexões compreendem dois âmbitos: o próprio caráter educativo do MST e a pedagogia levada a cabo pelo Movimento. O livro *“Educação para o (des) emprego”* (1999) reflete a ação coletiva reflexiva acerca de um dos grandes problemas dos trabalhadores, o desemprego.

Em termos de ensino, o Núcleo está à frente de cursos de especialização voltados para educadores do campo, vinculado a movimentos sociais ou outras organizações. Neste momento, está em desenvolvimento o Curso de Especialização *“Ensino de Ciências Humanas e Sociais em Escolas do Campo”*, voltado para 50 educadores que atuam no ensino de filosofia, sociologia, história e geografia, e na coordenação pedagógica de escolas em acampamentos e

assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Outro curso realizado foi o de Especialização em “Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial”, no período de abril de 2007 a outubro de 2008. O curso foi organizado, em termos de conteúdo teórico-metodológico, com base em quatro blocos temáticos: contextualização econômica, social, política e cultural do território rural; a educação e o campo; produção e reprodução da vida: perspectivas e desafios do desenvolvimento territorial; elaboração teórica e a intervenção no campo. O curso permitiu a articulação entre educação do campo e território, perseguida por meio de leituras, debates, seminários, saídas de campo e pelo exercício da pesquisa; a organização curricular, que procurou distinguir-se dos modelos de formação fragmentada, isolada da realidade de atuação dos educandos; a constituição de uma equipe de trabalho coletiva e interdisciplinar entre os educadores e educandos; a adoção de metodologias e procedimentos diversificados não se atendo ao ensino dentro de sala de aula; o enfoque teórico e prático do curso foi elaborado levando em consideração linhas de pesquisa, organizadas por meio de temáticas que fazem parte das pesquisas em desenvolvimento pelos professores do curso.

Os cursos de especialização, realizados no âmbito de uma instituição federal pública de ensino, constituem-se numa oportunidade para um conjunto de pessoas que fizeram seus cursos de graduação em instituições privadas, com ausência de trabalho de pesquisa, estudando à noite e trabalhando durante o dia.

Além das atividades de pesquisa e de ensino, no que toca à extensão, a equipe do TMT vem desenvolvendo projetos permanentes como:

- Organizar o acervo histórico e os documentos sobre a trajetória política dos trabalhadores da região sul.
- Ampliar e tornar acessível ao público o acervo do TMT, composto de livros, revistas, jornais, documentos e banco de entrevistas.
- Promover exposições fotográficas que retratam o trabalho e as lutas dos trabalhadores organizados.
- Promover seminários e fóruns de debates, visando intensificar a interação entre a universidade e o mundo do trabalho.
- Divulgar o Núcleo, suas ações e pesquisas nas edições anuais da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Federal de Santa

Catarina, por meio de mini-cursos, estandes, painéis e exposições fotográficas.

- Difundir e apoiar a criação de grupos de estudo em outros locais.

Concluimos, não por acaso, com a lembrança dos *sem-terrinha* na UFSC, ou seja as diversas atividades de extensão que abrigaram mais de 700 *sem-terrinha* (sempre com seu boné vermelho, as crianças reunidas mais pareciam uma plantação de moranguinhos). A ação foi viabilizada por meio de articulação combinada com diversos professores de departamentos, estudantes do Colégio de Aplicação e da UFSC. O evento coincidiu com a semana da criança permitindo re-significar o dia da criança enquanto consumo. Durante uma semana estas crianças tiveram oportunidade de adentrar nos diversos espaços da UFSC, interagir com pessoas a elas vinculadas e fazer muitas descobertas. Os *sem-terrinha* também conheceram o mar, o centro da cidade e as crianças da cidade.

A menção à criança nos remete ao futuro. Hobsbawm lembra que das ações do presente nasce o futuro e, desta maneira, este autor nos chama a atenção para desenvolvermos a capacidade antecipatória a fim de não sermos surpreendidos com determinadas situações adversas. A pesquisa desenvolvida no TMT não tem outra motivação senão aguçar a capacidade de antever e projetar o futuro, seja com relação ao trabalho, seja com relação aos trabalhadores.

Referências Bibliográficas

- AUED, B. W. *Nossas histórias*. Florianópolis: Insular, 2007.
- AUED, B. W. (Org.) *Educação para o (des) emprego* (ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento). Petrópolis: Vozes, 1999.
- AUED, B. W. (Org.). *Traços do trabalho coletivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo e All Books, 2005
- AUED, B. W. e PAULILO, M. I. (Org.). *Agricultura familiar*. Florianópolis: Insular, 2004.
- AUED, B.; VENDRAMINI, C. R. (Org.). *A persistência do trabalho infantil na indústria e na agricultura* (Santa Catarina no contexto brasileiro). Florianópolis, Editora Insular, 2009.
- AUED, B.; VENDRAMINI, C. R. (Org.). *Educação do campo: desafios teóricos e práticos*. Florianópolis: Insular, 2009.
- AUED, B.; VENDRAMINI, C. R.; FIOD, E. G. M.; CONDE, S. F. *Retratos do MST* (ligas camponesas e movimento dos trabalhadores rurais sem-terra). Florianópolis: Cidade Futura, 2005.
- HARVEY, D. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HOBSBAWM, E. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARX, K. *O manifesto do partido comunista*. São Paulo: Escrava, 1968.
- _____. *O capital*. Rio de Janeiro. Civilização, 1968a.
- _____. Carta de Marx a Paul Anenkov. In: *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1963.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- SEARLE, John R. "Rationality and realism: what is at stake?", *Dædalus* (Journal of the American Academy of Arts and Sciences), vol. 122, n. 4, Fall 1993.
- THOMPSON, E. P. *The Romantics: England in a Revolutionary Age*. New York: New Press, 1997.
- VENDRAMINI, C. R. (Org.) *Educação em movimento na luta pela terra*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2002.